

Não pretendemos entrar em detalhes sobre o trabalho de Carlos Sanz, porque se fôssemos apreciá-lo dêsse modo, teríamos que ocupar muitas páginas desta Revista, sacrificando a divulgação de estudos de muito maior valia que esta simples resenha.

Assim sendo, limitamos apenas a dizer que se trata de um livro que merece figurar em tôdas as bibliotecas, quer públicas, quer particulares, na secção que diz com o estudo das primeiras páginas da história do Novo Mundo, que nós americanos desejamos escrever sem injunções dos chauvinistas.

**T. O. MARCONDES DE SOUZA**

\*

\* \* \*

BRITO (Mário da Silva). — **História do Modernismo Brasileiro. I. Antecedentes da Semana da Arte.** Volume IV da Coleção Cruzeiro do Sul. Capa de Aldemir Martins. Edição Saraiva. 1958. São Paulo.

Talvez Mário da Silva Brito tenha escrito menos a **história** do Modernismo, do que e bem, o levantamento dos depoimentos e documentos jornalísticos que marcaram a mentalidade do movimento ou a do seu tempo. Isto pelo menos é o que se depreende do primeiro volume de sua obra.

Nesse sentido, bem houve o Autor em buscar as raízes do Modernismo Brasileiro, ou pelo menos dos antecedentes da **Semana**, no "fin de siècle" inquietador, visto que o **1900** duraria, realmente, trinta anos. Como em um jornal cinematográfico o Autor repassa os acontecimentos marcantes do início e do fim dos dois séculos. Assim, o modernismo surgirá, até certo ponto como uma consequência do mundo mecânico que o novo século trazia em seu bojo, apesar das resistências do período secular anterior.

Para apenas um levantamento histórico da literatura, no sentido estético, o Autor preferiu um sincronismo com os fatores econômicos e políticos que formavam as concausas, através das quais nos é possível compreender e explicar aquêlo **momento histórico**. Disto é prova, por exemplo, a ligação com movimentos literários portugueses ou as repercussões nativas de acontecimentos e revoluções aliegnenas.

Procurando recompor figuras nas suas devidas proporções, reconstituindo cenas, para melhor compreendê-las, restabelecendo verdades e discutindo afirmações, o Autor faz, assim, uma reportagem necessária ao entendimento do **espírito** que determinou e animou a **Semana de Arte Moderna**.

Esperamos ainda, pois neste livro primeiro estaria de certa maneira deslocado tal estudo, que Mário da Silva Brito realize a análise sócio-psicológica do modernismo com relação à cultura e à civilização brasileiras, pois que o mesmo transcende, e isto parece ser ponto pacífico, as simples manifestações estéticas. Aí, então, teremos a visão global do **nosso** Modernismo, diante do formidando **lastro**

das informações que o Autor levantou e agora trabalhado pela sua inteligência e erudição poderá oferecer-nos um capítulo a mais para a compreensão do povo e da realidade brasileira.

Através desse livro, acompanhamos o lento processo de transição do proto-modernismo para o modernismo, lenteza essa que mais diz respeito ao processo histórico-evolutivo, pois as explosões e manifestações inquietas dos modernistas falam mais de uma certa efervescência rápida e transfigurável. Para compor o quadro dos antecedentes, o Autor usa de um estilo de frases, e parágrafos de análise. Mas, apesar de correremos com o Autor nessa seqüência vamos, na verdade, compreendendo a revolução que se avizinhava, e além da pregação de uma nova estética, e portanto além de causas de plano intelectual, era, a nosso ver, antes de mais nada uma revolução de sentimentos, e nesse caso bem condizente com a psicologia do nosso povo. Aliás, acabamos, com esse critério do Autor, tendo uma excelente síntese das primeiras décadas do nosso século. O Autor, por outra feita consegue captar, também, o espírito daqueles **anjos**, assim a vaidade e o estudo, a molecagem e a revolta, marcham, a mais das vezes, **pari-passu**.

Revela Mário da Silva Brito que a disposição dos **anjos** já era, pelo menos dois anos antes, **comemorar** condignamente o ano do Centenário da Independência, o que nos permite entender que a Semana famosa não pode ser entendida ou confinada no limite de apenas 7 dias de sensações, mas idênticamente, em outras proporções, será como o 1900, durará trinta anos... mas não apenas trinta anos depois dela...

O Autor, fazendo a **história** do modernismo, não chega à desejável análise formal da prosa e da poesia em si, ou pelo menos a crítica que nesse sentido realiza é mais de cunho informativo, com prejuízo para a história literária.

Acreditamos que, mesmo num levantamento histórico, essa crítica de **conteúdo** e de **forma** é necessária, pois se trata de um capítulo da História da Literatura Brasileira, e mais que isso da **história literária**. Assim, a nosso ver, faltou um pouco ao historiador a preocupação de uma maior crítica formal de **textos** que não ficasse apenas no registro das diferenças e semelhanças entre o futurismo e o modernismo, por exemplo.

O que realmente se pretendeu foi uma história, mas não apenas uma história de fatos e nomes, do que aliás este livro está muito longe de ser, mas a história de um movimento de idéias, de uma corrente de opiniões, para termos uma perspectiva melhor de compreensão do fenômeno modernista em sincronismo com a realidade brasileira.

E' bem verdade que, com esse estudo, poderá ocorrer o perigo de uma certa unilateralidade no julgamento que o Autor fizer do movimento, dos seus personagens ou das suas idéias, o que é principal.

A obra, a nosso ver, pode ser mais desenvolvida, para se fugir o mais possível a um trato jornalístico, ainda que este seja encarado como gênero literário.

Nesse sentido, se a Semana de Arte Moderna teve, como quer e com razão, Wilsom Martins “uma importância mais histórica do que estética”, faz-se mister, entretanto, estudar, também, o que há de realmente artístico até mesmo nas suas conseqüências, para que a mesma **Semana** não fique no plano de uma espécie de **equivoco**, como continua ser para muitos, ou o seu estudo não resida tão somente no sentido da crônica, com a significação autêntica, e aliás meritória que essa palavra merece na teoria literária, mas e também dentro da perspectiva histórica, seja um estudo de crítica e interpretação.

Assim, ao lado informativo que foi o mais completo possível, pela exaustiva pesquisa laborada pelo Autor e ao lado do estudo das causas, pode ser mais desenvolvida a crítica do movimento em si, no que diz respeito aos seus antecedentes estéticos e ao seu enquadramento em nossa História Literária.

Explicaremos melhor, a Semana deixou de ser **novidade** e o modernismo também parece que realmente já vai entrando para a História, isto é, se assim admitirmos, temos que convir que esse critério implicará ou terá inerente a **perspectiva** e portanto a possibilidade de julgamento das tendências, das idéias da **evolução** mesmo, no sentido progressivo que a palavra dá sentido, permitindo com isso um estudo necessário a responder aos detratores do movimento.

Assim, teríamos os elementos de estudo ou o próprio estudo daquela linha que neste meio século conduziu nossa literatura “da eloqüência ao comedimento”, como bem considera a sra. Lúcia Miguel Pereira (“Cinquenta anos de Literatura”, in **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, edição de 15-6-1951).

Não será, por outra feita, um julgamento individual de autores e obras, mas um julgamento de idéias e tendências que caracterizaram um movimento artístico.

Certo é, por outro lado, que o **momento** tratado neste primeiro volume não se presta tanto a essa **visão**, desde que será nas repercussões e conseqüências no quadro da literatura **nacional** e não regional que deveremos buscar, não obstante em curta perspectiva, as raízes atingidas pelo **Modernismo**.

A nossa velha amizade e os contactos estreitos que mantemos com o Autor e que têm dado ensejo a inúmeras trocas de idéias, fazem com que pouco reste, na verdade, entre a palavra oral e a escrita, para este ligeiro comentário, que vem tão tarde.

E é justamente a confiança que temos no seu honesto trabalho, no seu senso crítico e no seu talento que nos dá certeza desta **História**, uma vez completa, atingir realmente o plano de estudo que, outros movimentos brasileiros de literatura, como o romantismo, o simbolismo, etc., já conseguiram da crítica e da história.

**JOSE' ROBERTO DO AMARAL LAPA**